



Tema UNICAMP

Código da Redação
UNICAMP22018

No último jogo universitário, alguns estudantes de sua sala proferiram falas preconceituosas contra jogadores negros. O resto de sua turma, além de reprimir tal ação, escolheu você para escrever **uma carta aberta de manifesto** em nome de todos os estudantes da universidade.

Redija a carta mencionada em até 24 linhas, lembrando-se de que ela deverá conter:

- a) Título com o destinatário;
- b) Introdução
- c) Desenvolvimento
- d) Conclusão e pedido de investigação do caso.

Seu texto deve, também, fazer menção a um episódio semelhante ocorrido em 2016, relatado no artigo abaixo:

Estudantes de medicina de Jundiaí (FMJ) escancaram preconceito

Médico Eduardo Bhaltasar comenta imagem racista registrada na Pré-intermed 2016 e fala sobre o ambiente de preconceito que atinge parte de sua profissão e dos cursos de medicina



Foto tirada durante a competição Pré-intermed 2016 que acontece nesse feriado de Páscoa

Eduardo Bhaltasar, O Prato Feito

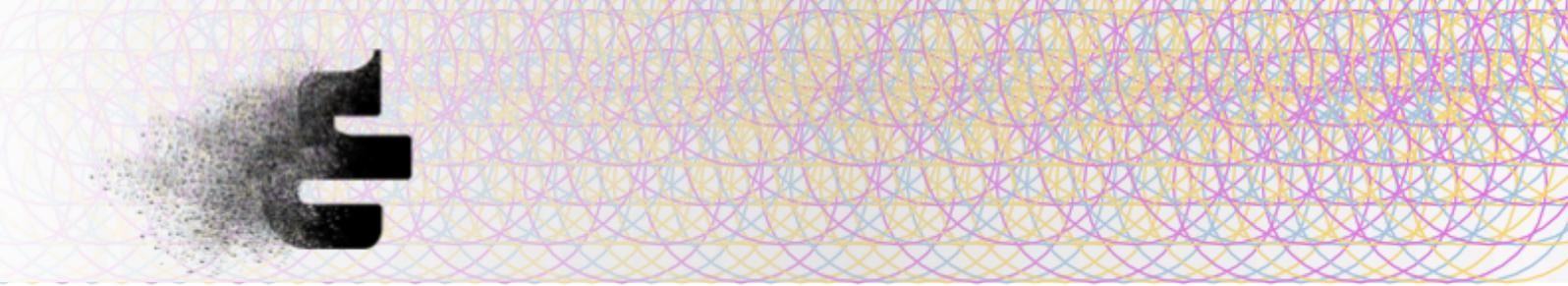
Sou fã da Pré-intermed, já participei de algumas como competidor e como torcedor, joguei basquete (meu esporte de criação), handball, competi também no atletismo (medalha de bronze em salto em altura – aqui eu quis me mostrar) e xadrez (nunca perdi uma partida – mais uma vez quis me gabar).

Me formei em medicina pela [Universidade de Mogi das Cruzes \(UMC\)](#) e me lembro de sempre ficar ansioso por causa dessa semana que mexia com nossos nervos, mas ao mesmo tempo testemunhava

cenas que realmente eu não concordava, como brigas e agressões entre as torcidas.

E pelo que vi, certas coisas não mudaram nessa competição que acontece uma vez por ano.

Antes de entender o caso, precisamos olhar para uma outra universidade. Como todos sabem, esse ano a [Unicamp](#) bateu o recorde de alunos oriundos de escolas públicas. Desse total, 43% se declararam negros, pardos ou indígenas. O curso de medicina teve um resultado espetacular, pois atingiu a



porcentagem de 88,2% de alunos oriundos de escolas públicas.

A [Faculdade de Medicina de Jundiaí \(FMJ\)](#), uma das participantes dessa competição (Pré-Intermed), pisou feio na bola. Alguns alunos que estavam na torcida, numa tentativa de desmoralizar o adversário — que, no caso, era a Unicamp —, estamparam no peito as letras C-O-T-A-S, além de pintarem seus rostos de preto (Blackface). Afinal, pelo que parece, para esses alunos, uma universidade que tem cotas étnicas como política institucional é algo desmoralizante, algo que diminui sua qualidade.

A opinião sobre as políticas afirmativas serem boas ou ruins, certas ou erradas, não é a intenção desse artigo, isso é outra discussão. O tema central é que não existe motivos para que alguém desmoralize a universidade e o aluno ou o profissional que é beneficiário desse tipo de política, pois como mostra esse [estudo da Unifesp](#), esse [estudo da UnB](#) e esse [estudo da](#)

[Unicamp](#), cotistas têm o mesmo desempenho ou, em alguns casos, desempenho superior quando comparado aos alunos não-cotistas.

O preconceito racial existe, sim, entre alguns alunos de medicina e eu vivi isso. Piadas racistas eram contadas com frequência (e aqui quem me conhece sabe que nunca aceitei), como também racismos escancarados, como certa vez ouvi uma colega dizer: “Não quero mais atender aquele preto fedido”.

É uma pena ter que ver esse tipo de imagem em pleno século XXI, vindo de uma classe de alunos que serão formadores de opinião em um futuro próximo, pois na sociedade brasileira, quando um médico fala ele é, de certa maneira, ouvido

<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/03/estudantes-de-medicina-de-jundiai-fmj-escancaram-preconceito.html> Acesso em: 17 de Dezembro de

2018